



ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DA AERONÁUTICA
COORDENADORIA ACADÊMICA
CURSO AVANÇADO DE COMANDO E ESTADO-MAIOR

TALES PAIVA RODRIGUES, Ten Cel Int

Reanexação da Crimeia: Estratégia Russa sob o Espectro da Guerra na Era da Informação

Rio de Janeiro

2022

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DA AERONÁUTICA
COORDENADORIA ACADÊMICA
CURSO AVANÇADO DE COMANDO E ESTADO-MAIOR

TALES PAIVA RODRIGUES, Ten Cel Int

Reanexação da Crimeia: Estratégia Russa sob o Espectro da Guerra na Era da Informação

Trabalho de conclusão de curso apresentado,
como requisito parcial para aprovação, no
Curso Avançado de Comando e Estado-Maior.
Linha de Pesquisa: Poder Militar.
Orientador: Robson Laube Roque Moreira.

Rio de Janeiro

2022

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar de que maneira a estratégia russa no Conflito Russo-Ucraniano (CRU), em 2014, empregou os meios militares e meios não militares para a reanexação da Crimeia à Federação Russa. Para tanto, foram apresentadas as seis ferramentas da teoria Abordagens Estratégicas Alternativas (AEA), propostas por Visacro (2022), tais como: Militares e de Proteção; Informativos; Diplomáticas; Tecnológicas; Jurídicas; e Geoeconômicas. Em seguida, foram identificados os eventos ocorridos no CRU, para enquadrá-los na respectiva teoria AEA, de Visacro (2022), considerando a limitação da pesquisa, ou seja, a existência da guerra informacional no conflito ora investigado. Verificou-se, após a análise dos dados, a pertinência da hipótese previamente levantada, em outros termos, a campanha militar russa no CRU, em 2014, ocorreu de forma coordenada com o emprego de meios não militares para se atingir o estado final desejado da reanexação da Crimeia à Federação Russa, de acordo com a teoria AEA, de Visacro (2022). Sugere-se como fruto deste estudo a atualização da Doutrina Básica da Força Aérea Brasileira (DBFAB), tendo em vista a utilização dos recursos não militares no preparo e emprego da Força. Conclui-se, portanto, que a Rússia empregou os meios militares e meios não militares de maneira integrada e harmônica. A importância do presente estudo reside nos aspectos relacionados à forma de se combater na Era da Informação (EDI), bem como a necessidade do aprimoramento constante do arcabouço doutrinário contido na nossa DBFAB.

Palavras-chave: Reanexação da Crimeia; Ucrânia; Rússia; Era da Informação.

ABSTRACT

This research aimed to analyze how the Russian strategy in the Russian-Ukrainian Conflict (CRU) in 2014 used military and non-military means for the re-annexation of Crimea to the Russian Federation. To this purpose, the six tools of the Alternative Strategic Approaches (AEA) theory, proposed by Visacro (2022), were presented, such as: Military and Protection; Informational; Diplomatic; Technological; Legal; and Geoeconomics.

Then, the events that occurred in the CRU were identified to fit them in the respective AEA theory, by Visacro (2022), considering the limitation of the research, the existence of informational warfare in the conflict investigated.

After analyzing the data, the relevance of the hypothesis considered was verified. In other words, the Russian military campaign in the CRU, in 2014, took place in a coordinated way with the use of non-military means to reach the desired end state of the re-annexation of Crimea to the Russian Federation, according to Visacro's AEA theory (2022).

As a result of this study, it is suggested to update the Basic Doctrine of the Brazilian Air Force (DBFAB), due to the use of non-military resources in the preparation and use of the Force. It is concluded that Russia used military and non-military means in an integrated and harmonious way. The importance of this study lies in the aspects related to the way to fight in the Information Age (EDI), as well as the need for constant improvement of the doctrinal framework contained in our DBFAB.

Keywords: *Reannexation of Crimea; Ukraine; Russia; Information Age.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Esquema 1 – O Campo de Batalha da Guerra na Era da Informação.....	15
Esquema 2 – Abordagens Estratégicas Alternativas	18
Esquema 3 – Estratégia Russa sob o Espectro da Guerra na Era da Informação	29
Quadro 1 – Definição Conceitual das Variáveis	9
Quadro 2 – Transcrição da Entrevista com o Coronel Visacro	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEA	Abordagens Estratégicas Alternativas
ARP	Aeronaves Remotamente Pilotadas
CCEM	Curso Avançado de Comando e Estado-Maior
COMAER	Comando da Aeronáutica
CRU	Conflito Russo-Ucraniano
DBFAB	Doutrina Básica da Força Aérea Brasileira
DDoS	Ataques de Negação de Serviço Distribuído
ECEMAR	Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica
EDI	Era da Informação
EUA	Estados Unidos da América
Op Psc	Operações Psicológicas
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PMC	Private Military Company (Empresa Militar Privada)
UE	União Europeia
UNIFA	Universidade da Força Aérea
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
1.1	Tema e Problema	8
1.2	Hipótese	9
1.3	Objetivo Geral e Objetivos Específicos.....	9
1.4	Justificativa do Estudo	10
2	METODOLOGIA.....	10
3	REFERENCIAL TEÓRICO	12
3.1	Conflitos na Era Industrial	13
3.2	Conflitos na Era da Informação	14
3.3	O Campo de Batalha da Guerra na Era da Informação.....	15
3.4	Os Atores da Guerra na Era da Informação.....	16
3.5	As Fontes de Poder da Guerra na Era da Informação.....	16
3.6	Alterações Sociais Advindas da Era da Informação	17
3.7	Ambiente Geopolítico Contemporâneo.....	17
3.8	Abordagens Estratégicas Alternativas.....	18
4	APRESENTAÇÃO DE DADOS E ANÁLISE DE RESULTADOS.....	19
4.1	O Emprego das Ferramentas da Teoria Abordagens Estratégicas Alternativas .	20
4.1.1	Ferramentas Militares e de Proteção.....	20
4.1.2	Ferramentas Informacionais	21
4.1.3	Ferramentas Diplomáticas	22
4.1.4	Ferramentas Tecnológicas	23
4.1.5	Ferramentas Jurídicas	24
4.1.6	Ferramentas Geoeconômicas	25
4.2	Principais Características do Conflito Russo-Ucraniano (OE1).....	25
4.3	Tipos de Atores Presentes no Conflito Russo-Ucraniano (OE2).....	26
4.4	Fontes de Poder Utilizadas no Conflito Russo-Ucraniano (OE3)	27
4.5	Relacionamento das Variáveis (OE4)	27
4.6	Estratégia Russa sob o Espectro da Guerra na Era da Informação.....	28
5	CONCLUSÃO.....	30
	REFERÊNCIAS	31
	APÊNDICE A – ENTREVISTA COM O CORONEL VISACRO.....	35

1 INTRODUÇÃO

O território da Crimeia, cedido pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) para Ucrânia, em 1954, foi palco do primeiro confronto armado ocorrido entre Rússia e Ucrânia no início do século XXI. O Conflito Russo-Ucraniano (CRU), ocorrido em 2014, colocou um fim nas relações diplomáticas com os russos desde a independência ucraniana da antiga União Soviética, em 1991. A reanexação da península, localizada ao sul da Ucrânia, a Federação Russa, em 2014, inaugurou uma nova fase de violência armada no extremo ocidental da Europa em um ambiente regido pela Era da Informação¹ (EDI).

São variados os conceitos que buscam decifrar os conflitos da EDI, como: guerra irrestrita (LIANG; XIANGSUI, 1999); novas guerras (KALDOR, 1999); guerra composta (HUBER, 2002); guerra de quarta geração (LIND, 2004); guerra no meio do povo (SMITH, 2005); guerra híbrida (HOFFMAN, 2007); guerra irregular (VISACRO, 2009); guerra de quinta geração (ABBOTT, 2010); guerra moderna e pós-moderna (ZENDEROWSKI; CEBUL, 2015, *apud* LIMA, 2018).

Para alguns especialistas, o CRU foi visto como uma inovação russa na arte da guerra que combina métodos regulares e irregulares de combate, com a combinação de várias expressões do poder nacional, conhecida como Doutrina de Gerasimov (BARTLES, 2016, tradução nossa).

No entanto,

[...] in Gerasimov's own words, [...] each war represents an isolated case, requiring an understanding of its own particular logic, its own unique character. He is saying that there is no model or formula for understanding the operational environment or the exercise of national power in every war scenario. Each instance of a problem will be looked upon as a unique situation that will require the marshalling of the state's resources in whatever way is necessary. (BARTLES, 2016, p. 34-35).

Conforme assertiva do General Gerasimov, Visacro (2018) entende que a lógica particular de todos esses conflitos contemporâneos é o cenário geopolítico gerado a partir da EDI. Ele adverte que tornou-se ultrapassada a compreensão da guerra segundo a dinâmica da

¹ A revolução da informação se iniciou, no final do século XX, quando a humanidade presenciou “[...] a transformação de nossa ‘cultura material’ pelos mecanismos de um novo paradigma tecnológico. [...] A tecnologia da informação é para esta revolução o que as novas fontes de energia foram para as revoluções industriais sucessivas, do motor a vapor à eletricidade, aos combustíveis fósseis e até mesmo à energia nuclear, visto que a geração e distribuição de energia foi o elemento principal na base da sociedade industrial”. (CASTELLS, 1999, p. 67-68).

Era Industrial². A globalização dos meios de comunicação de massa e informação digital no planeta tornaram menos viável a lógica da vitória baseada apenas na imposição do uso da força militar.

Além disso, a queda da URSS e o fim da Guerra Fria, aliada às mudanças profundas na sociedade, impulsionaram a criação de uma nova ordem internacional e de um novo ambiente geopolítico estratégico (VISACRO, 2022).

A principal característica desse novo ambiente é a demonstração do poderio bélico norte-americano, apresentada na campanha do Golfo, que tornou os Estados Unidos da América (EUA)

[...] virtualmente imbatíveis em um campo de batalha convencional. Nenhuma outra forma armada do planeta poderia confrontar-lhes, aventurando-se em um embate campal direto, conduzido de acordo com os preceitos que, até então, haviam regido a guerra na Era Industrial. (VISACRO, 2018, p. 57).

A predominância do poder militar norte-americano passou a ser visto pelos seus inimigos como uma ameaça. Dessarte, eles concentraram-se em obter melhores capacidades para poder combater em outros campos de batalha.

Com esse foco, o objetivo deste artigo foi conduzido pelo autor de forma a analisar um conflito real a partir de uma fundamentação teórica. Apresenta uma metodologia de investigação da estratégia russa empregada no CRU, com base na teoria Abordagens Estratégicas Alternativas (AEA), de Visacro (2022), que será abordada no capítulo do referencial teórico.

1.1 Tema e Problema

A partir dessa introdução, surge o problema da pesquisa na área de Poder Militar, núcleo temático Teorias de Conflitos Armados. Ele questiona: de que maneira foi conduzida a campanha militar russa no CRU, em 2014, em relação ao emprego de meios não militares para se atingir o estado final desejado da reanexação da Crimeia à Federação Russa, de acordo com a teoria AEA, de Visacro (2022)?.

² Segundo Chiavenato (2009, p. 78), a Era Industrial iniciou-se em 1780 e se prolongou até a última década do século XX. Muitos teóricos da administração inspiraram-se nas obras de Clausewitz (1780-1831), *On war e Principles of war*, para adaptar as suas lições de como administrar os exércitos em períodos de guerra, à organização e estratégia industriais. “[...] A invenção da máquina a vapor por James Watt e sua aplicação à produção levaram a uma nova concepção de trabalho que mudou a estrutura social e comercial da época e provocou a Revolução Industrial, com transformações de ordem econômica, política e social que, em um lapso de século, foram maiores do que todas as mudanças ocorridas no milênio anterior.”

1.2 Hipótese

Com essa perspectiva, o pesquisador elaborou a seguinte hipótese para o problema enunciado: a campanha militar russa no CRU, em 2014, ocorreu de forma coordenada com o emprego de meios não militares para se atingir o estado final desejado da reanexação da Crimeia à Federação Russa, de acordo com a teoria AEA, de Visacro (2022).

A hipótese de pesquisa incorporou uma variável independente e seis variáveis dependentes, que serão apresentadas a seguir.

A campanha militar russa, variável dependente, representa a maneira pela qual foram utilizadas as ferramentas militares e de proteção durante o CRU. A estratégia russa, variável independente, reflete a maneira pela qual o meio militar se relaciona com os demais meios não militares, representados pelas ferramentas informacionais, ferramentas diplomáticas, ferramentas tecnológicas, ferramentas jurídicas e ferramentas geoeconômicas, variáveis dependentes e constantes da teoria AEA, de Visacro (2022).

Quadro 1 – Definição Conceitual das Variáveis

Variável Independente	Variáveis Dependentes
Estratégia Russa	Ferramentas Militares e de proteção Ferramentas Informacionais Ferramentas Diplomáticas Ferramentas Tecnológicas Ferramentas Jurídicas Ferramentas Geoeconômicas

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Visacro (2022)

1.3 Objetivo Geral e Objetivos Específicos

Destarte, o objetivo geral desta pesquisa é analisar de que maneira a estratégia russa no CRU, em 2014, empregou os meios militares e meios não militares para a reanexação da Crimeia à Federação Russa, de acordo com a teoria AEA, de Visacro (2022).

A investigação definiu como objetivos específicos da pesquisa:

OE1) Identificar as principais características do campo de batalha do CRU, de acordo com Visacro (2018);

OE2) Identificar os tipos de atores presentes no CRU, de acordo com Visacro (2018);

OE3) Identificar quais fontes de poder foram utilizadas pelos atores do CRU, de acordo com Nye (2002);

OE4) Analisar o relacionamento da variável independente com as variáveis dependentes, respondendo ao problema de pesquisa.

1.4 Justificativa do Estudo

Espera-se que as observações e análises extraídas sobre as formas de se combater a guerra na EDI, com ênfase nos aspectos ligados à estratégia militar russa empregada no CRU, elencadas na apresentação dos resultados, amplie o arcabouço doutrinário contido, atualmente, na Doutrina Básica da Força Aérea Brasileira (DBFAB), visando a utilização dos recursos militares, de preparo e emprego da Força Aérea Brasileira (FAB), integrada com os meios não militares, frente aos desafios do século XXI.

Além dessa expectativa, a pertinência do tema de pesquisa escolhido pode ser justificada considerando-se a transformação profunda da FAB nos últimos anos, com a incorporação de tecnologias e sistemas modernos de combate da EDI, quais sejam: “[...] a ampliação da utilização pela FAB do espaço exterior, acima de 100 km, provendo telecomunicações e imagens por meio de satélites; bem como a inserção de sistemas de aeronaves remotamente pilotadas (ARP) no espaço aéreo brasileiro, em prol das Ações de Força Aérea” (BRASIL, 2020, p. 17).

Como fruto deste trabalho, a pesquisa tem a finalidade de colaborar com o aumento do conhecimento das implicações do uso do poder militar nos combates do século XXI, além de incentivar o interesse em novas pesquisas sobre o assunto em questão.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi descritiva, quanto aos objetivos, pois buscou proporcionar maior compreensão das características do CRU, tornando-o mais explícito (GIL, 2008).

No terceiro capítulo, é apresentado o referencial teórico, onde propôs-se buscar uma explicação para a hipótese levantada anteriormente, a partir da teoria AEA, de Visacro (2022).

Alessandro Visacro, em sua aula ministrada aos Oficiais Alunos do Curso Avançado de Comando e Estado-Maior (CCEM), no dia 06 de abril de 2022, defendia a combinação de soluções multidisciplinares de utilização das ações relacionadas aos meios militares e meios não militares para se atingir o estado final desejado com sucesso. Ele aprofunda o tema em sua

obra *A Guerra na Era da Informação*, de 2018, que também serviu de referencial teórico para este trabalho.

Coronel Visacro, do Exército Brasileiro, possui vasta experiência na vida militar, destacando-se como comandante da 3ª Companhia de Forças Especiais, comandante do 1º Batalhão de Forças Especiais, oficial de operações do 2º Batalhão de Força de Paz no Haiti e chefe do Estado-Maior do Comando de Operações Especiais.

Outros autores do poder militar foram selecionados como forma de fortalecer ou refutar os argumentos apresentados por Alessandro Visacro. Frank Hoffman, Tenente-Coronel do Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha dos EUA, é um dos teóricos que ficou conhecido a partir de sua publicação, em meados dos anos 2000, sobre o tema: *Conflict in the XXI Century: the Rise of Hybrid Wars*. Hugo Miguel Moutinho Fernandes, Tenente-Coronel de Infantaria, de Portugal, também foi selecionado a partir de sua publicação: *As Novas Guerras: o Desafio da Guerra Híbrida*. E, ainda, o especialista em assuntos sobre a Rússia, Jānis Bērziņš, ele é pesquisador sênior da Academia de Defesa Nacional da Letônia, e membro sênior da Fundação Potomac e do Centro de Guerra de Nova Geração, ambos dos EUA, a partir de sua publicação: *The Theory and Practice of New Generation Warfare: the Case of Ukraine and Syria*.

Quanto à natureza, a pesquisa é considerada qualitativa, pois se destina a explicar a circunstância em que o CRU ocorreu para entender o fenômeno em profundidade (GIL, 2008).

Seus resultados surgem de dados empíricos coletados de forma sistemática, ou seja, como foi elaborada cada etapa do trabalho acadêmico: formular o problema; constituir a hipótese; definir as variáveis; coletar dados; fazer o relacionamento da variável independente com as variáveis dependentes; apresentar a análise dos dados e validar a hipótese como resposta ao problema de pesquisa.

Como coleta de dados, foi realizada uma entrevista com o Coronel Visacro (Apêndice A), especialista no assunto investigado, para validar a estrutura da hipótese com suas variáveis criadas a partir de sua obra, bem como obter as suas impressões acerca do CRU.

Quanto aos procedimentos técnicos documentais, foi efetuada uma pesquisa bibliográfica, de acordo com Gil (2008).

As fontes utilizadas foram baseadas na doutrina existente no Ministério da Defesa, em manuais estrangeiros, na biblioteca da Universidade da Força Aérea (UNIFA), em publicações periódicas de assuntos militares e defesa, nacionais e internacionais, disponíveis em livros, jornais e revistas especializados, além de artigos e dissertações com comprovado valor científico, de autores nacionais e internacionais.

Quanto à classificação de Gil (2019), a pesquisa é considerada aplicada, pois entende-se que a busca do conhecimento científico sobre as formas de se combater a guerra na EDI, a partir do CRU, trará conhecimentos que poderão contribuir diretamente para as atividades desempenhadas pelo Comando da Aeronáutica (COMAER).

No quarto capítulo, são apresentados os dados e a análise de resultados, desde os eventos observados no CRU até a efetivação da reanexação da Crimeia à Federação Russa. Na seção 4.1, são analisadas as seis ferramentas desenvolvidas na investigação, a partir da teoria AEA, de Visacro (2022). Essa análise favoreceu a consecução do relacionamento da variável independente com as variáveis dependentes, qual seja, o quarto objetivo específico OE4, respondendo ao problema de pesquisa, que será constatado na seção 4.5. Nas seções 4.2 a 4.4, são identificados os objetivos específicos OE1, OE2 e OE3.

O próximo passo é a conclusão, que apresenta, de modo sintético, todos os passos deste estudo, com base nas evidências obtidas na investigação.

É preciso ressaltar que há uma limitação nesta pesquisa, ou melhor: a prevalência da guerra informacional no conflito investigado. A ênfase no emprego de meios de distorção da informação ocorreu de ambos os lados e pode levar a procedimentos interpretativos baseados em premissas com perspectivas de interesses, objetivos e valores pessoais.

Encerradas as observações quanto à metodologia utilizada, bem como à limitação do estudo, será apresentada a seguir a evolução na arte de se conduzir a guerra no século XXI, período em que se desenvolveu o CRU, de acordo com Visacro (2018).

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Visacro (2018, p. 25) afirma que “[...] a guerra é um fenômeno social, antes de ser um fenômeno político”, ampliando a obra *Da Guerra* de Clausewitz (1780-1831) que conceituava a “[...] guerra como um instrumento da política” (MAZUCATO, 2020, p. 62).

Comparativamente, a guerra no entendimento de Keegan

[...] é sempre uma expressão de cultura, com frequência um determinante de formas culturais e, em algumas sociedades, é a própria cultura. A guerra é um fenômeno total, uma expressão condensada das formas de pensar, produzir e consumir das **sociedades**, o espelho de um tempo e um lugar. (MAGNOLI, 2006, p. 15, grifo nosso).

3.1 Conflitos na Era Industrial

O Coronel Visacro escreveu que as transformações sociais são as principais responsáveis pela produção das guerras. Desse jeito, para entender às mudanças na conduta das guerras geradas pela EDI, é preciso chamar a atenção para a definição de guerra regular, predominante na Era Industrial.

“Guerra regular é o conflito armado entre Estados ou coligação de Estados no qual as operações militares são executadas, predominantemente, por forças regulares, podendo ser convencional ou nuclear” (BRASIL, 2016, p. 137).

Visacro (2022) defende a ideia de que a guerra convencional é uma construção teórica decorrente do pensamento estratégico ocidental composta por três elementos: o legado clássico da cultura helênica; o ideal vestfaliano de uma ordem internacional centrada na soberania do Estado-nação; e o paradigma da guerra industrial entre Estados.

Mormente, “[...] em virtude de sua notável proficiência, a falange grega conquistou uma supremacia que auferiu ao instrumento militar a capacidade de, ao ser requerido, alcançar, por si só, os objetivos da *polis*” (VISACRO, 2018, p. 76). Tanto que Clausewitz definia a guerra como “[...] a continuação da política por outros meios” (MAGNOLI, 2006, p. 15).

O entendimento do general prussiano leva a crer que a guerra é o último e decisivo recurso à disposição do Estado, traduzindo uma ideia linear e cartesiana do conflito armado. A intenção da política é o fim, enquanto que a guerra é o meio, e não se pode conceber o meio independente do fim, pois

[...] o êxito da aplicação do poderio bélico encontra-se rigorosamente atrelado à consecução de objetivos nacionais explicitamente definidos na política do Estado. Quando isso não acontece, a expressão militar do poder nacional se torna desprovida de sentido e as forças armadas são, de antemão, condenadas ao insucesso, independente dos ganhos táticos que possam vir a conquistar no campo de batalha. (VISACRO, 2018, p. 39).

De maneira secundária,

[...] o surgimento dos grandes exércitos de conscrição em massa, armados e equipados com a tecnologia advinda da Revolução Industrial: como vimos anteriormente, as revoluções Francesa e Industrial consagraram o estereótipo da ‘guerra industrial’ como verdadeiro paradigma, tanto para a formulação de políticas de defesa quanto para a destinação das forças armadas. (VISACRO, 2018, p. 76-77).

Afinal, “[...] é para esse tipo de guerra que as forças armadas, em todo o planeta, têm se organizado, treinado e desenvolvido suas capacidades.” Na Era Industrial, temos vários

exemplos de conflitos interestatais³, como “[...] a Guerra da Coreia (1950-1953), a Guerra dos Seis Dias (1967), a Guerra do Yom Kippur (1973), a Guerra das Malvinas (1982) ou a Guerra Irã-Iraque (1980-1988)” (VISACRO, 2018, p. 76-77).

O ápice dos conflitos industriais foi atingido pela campanha norte-americana do Golfo de 1991, digo, ela representou o modelo ideal de utilização do poder militar, na opinião da maioria dos profissionais da área de segurança e defesa (VISACRO, 2018).

Entretanto, a guerra no Afeganistão marcou o fim da Idade do Aço⁴. Os oficiais chineses Qiao Liang e Wang Xiangsui, escreveram:

[...] a questão é que as forças multinacionais lideradas pelos Estados Unidos, operando na região desértica do Kuwait, marcaram o fim de um período, inaugurando, assim, uma nova era. [...] Tudo isso ainda é indeterminado. A única conclusão certa é a de que, a partir de agora, a guerra não será mais como sempre foi. [...] A guerra, que se submeteu às mudanças da moderna tecnologia e do sistema de mercado, será desencadeada de formas ainda mais atípicas. Em outras palavras, enquanto presenciarmos uma relativa redução na violência militar, estamos evidenciando, definitivamente, um aumento na violência política, econômica e tecnológica. (LIANG; XIANGSUI, 1999 *apud* VISACRO, 2018, p. 58).

3.2 Conflitos na Era da Informação

No momento em que a humanidade deixa a Era Industrial para ingressar na Era da Informação, passando por rápidas e profundas alterações, devemos procurar entender, de forma objetiva, como essas mudanças afetam a natureza dos conflitos armados e impõem necessariamente uma *redefinição* e uma *ampliação* das agendas nacionais de segurança e defesa. (VISACRO, 2018, p. 25).

Sob o ponto de vista político, a queda da URSS e o fim da Guerra Fria propiciaram, para os mais otimistas, o início de uma nova ordem mundial franqueada pela libertação do Kuwait, onde as relações entre os povos seriam regidas por valores democráticos e princípios universais de justiça (VISACRO, 2018).

Mas nem tudo foi tão previsível assim. Desde o final da Segunda Guerra Mundial⁵, embora tenha realmente diminuído o número de conflitos entre Estados, houve um crescimento acentuado dos conflitos intraestatais⁶, ou seja, uma “[...] proliferação de guerras civis, insurreições e diversas outras formas de distúrbios internos ao redor do mundo” (VISACRO, 2018, p. 52).

³ Confrontos que seguem à ortodoxia das guerras convencionais (VISACRO, 2018).

⁴ Termo utilizado por Visacro (2018) como sinônimo de guerra industrial.

⁵ “A destruição indiscriminada causada pelos exércitos, o genocídio e as severas privações do tempo de guerra fizeram com que morressem mais civis do que soldados entre os anos de 1939 e 1945” (VISACRO, 2018, p. 129).

⁶ São conflitos envolvendo atores armados não estatais, como, por exemplo, movimentos de luta armada, grupos rebeldes e organizações criminosas (VISACRO, 2018).

O cientista político norte-americano Samuel Phillips Huntington, em sua obra *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*, refletindo sobre as transformações e turbulências da década de 1990, disse que houve

[...] uma quebra no mundo inteiro da lei e da ordem, Estados fracassados e anarquia crescente em muitas partes do mundo, uma onda global de criminalidade, máfias transnacionais e cartéis de drogas, crescente número de viciados em drogas em muitas sociedades, um debilitamento generalizado da família, um declínio na confiança e na solidariedade social em muitos países, violência étnica, religiosa e civilizacional e a lei do revólver predominam em grande parte do mundo. (HUNTINGTON, 2000, p. 409).

3.3 O Campo de Batalha da Guerra na Era da Informação

Ao contrário dos conflitos armados durante a ‘Idade do Aço’, cujos resultados finais foram obtidos, em geral, por meio do embate das forças armadas no campo de batalha; nas guerras pós-industriais, a vitória tem sido alcançada basicamente no **ambiente informacional**, de acordo com a percepção da opinião pública acerca dos fatos e dos pormenores que os cercam. (VISACRO, 2018, p. 133, grifo nosso).

Esquema 1 – O Campo de Batalha da Guerra na Era da Informação



Fonte: Brasil (2019, p. 2-2)

Para lidar com essa realidade, o Exército Brasileiro atualizou a sua Doutrina Militar Terrestre para atuar nas três dimensões operacionais de combate: dimensão física, humana e informacional (Esquema 1). As novas ameaças serão difusas e de difícil previsão, tendo em vista que as ações ocorrerão em meio à população e com a presença da mídia. “[...]Tudo isso condiciona a forma de atuação e emprego da Força Terrestre” (BRASIL, 2019, p. 2-2).

3.4 Os Atores da Guerra na Era da Informação

Da mesma forma que houve mudanças nos campos de batalha, na EDI muitos atores lutam a guerra, não apenas governos nacionais. Eles usam muitas técnicas e métodos diferentes, não apenas os militares como usualmente mais conhecidos. São

[...] uma profusão de atores, com motivações notadamente distintas. Redes formais e informais, de amplitude transnacional, compõem um mosaico de interesses e antagonismos interconectados e interdependentes, abrangendo governos legítimos, partidos políticos legalmente reconhecidos, organizações não governamentais, movimentos sociais, instituições filantrópicas, companhias militares privadas, grupos de guerrilha, organizações terroristas, facções criminosas, quadrilhas armadas, entre outros. (VISACRO, 2018, p. 125).

Para a maioria desses grupos, a definição de poder de um Estado está relacionada com a posse de uma força bélica para que ele seja capaz de se impor em relação aos demais. No decorrer dos séculos, com o desenvolvimento das tecnologias, as fontes de poder se alteraram (NYE, 2002).

3.5 As Fontes de Poder da Guerra na Era da Informação

Nye (2002), propõe em sua obra *O Paradoxo do Poder Americano* que a obtenção de resultados na política mundial alcançada mediante o uso das armas militares ou econômicas, é chamada de poder bruto ou *hard power*. De outro modo, pode-se levar os outros a querer o que você quer, de forma a cooptá-las em vez de coagi-las. Esse é o poder brando ou *soft power*.

[...] É mais que persuasão ou que a capacidade de mover as pessoas pela argumentação. É a capacidade de seduzir e atrair. O poder brando emana em grande parte dos nossos valores. Valores que se expressam na nossa **cultura**, na política que adotamos internamente e no modo como nos comportamos internacionalmente. (NYE, 2002, p. 37, grifo nosso).

Em 2011, Joseph Nye acrescentou o conceito *smart power* em sua obra *The Future of Power*, que consiste em

[...] uma combinação do *hard power*, e seu poder de coerção com o *soft power*, e sua capacidade de atrair e persuadir. O **smart power** é capaz de não limitar um ato apenas como muito brando ou forte, entendendo que o mesmo pode servir a fins distintos ou sofrer uma mutação dependendo de como é utilizado. (NYE, 2011, *apud* COSTA, 2019, grifo nosso).

3.6 Alterações Sociais Advindas da Era da Informação

Nesse cenário difuso de profundas transformações decorrentes da EDI, as alterações sociais não se restringiram àquelas advindas da revolução digital, mas, também, as mudanças políticas; transformações econômicas globais; valores e normas sociais; modificações nos padrões migratórios; pressões demográficas; urbanização incontida; escassez de recursos; degradação ambiental; fluxo sem precedentes de pessoas, ideias, serviços, bens e capital; virtual abolição do tempo e da distância; e sensível degradação das tradicionais formas de poder (VISACRO, 2022).

Por conseguinte, uma infinidade de termos e proposições doutrinárias surgiram para tentar explicar esse novo cenário beligerante: novas e novíssimas guerras, conflito assimétrico, guerra pós-heroica, guerra pós-clausewitziana, guerra de três quadras e conflito na zona cinza. Todos esses novos conceitos tem um propósito em comum, ou seja, tentar explicar a dinâmica do **ambiente geopolítico contemporâneo**, que não se subordina àquele conceito rígido de guerra convencional (VISACRO, 2022, grifo nosso).

3.7 Ambiente Geopolítico Contemporâneo

A par de todas as complexidades que norteiam o ambiente geopolítico contemporâneo, a nova era de competição entre as grandes potências nos remete a algumas perguntas, como: quem são exatamente os países que compõem a lista dos mais poderosos no século XXI? Quais os principais desafios geopolíticos para eles no século XXI?

Ao longo dos trinta anos do fim da Guerra Fria, os formuladores de políticas norte-americanas pretendiam estender as fronteiras do sistema ocidental para outras nações que, anteriormente, pertenciam ao antigo império soviético, induzindo-as a remodelarem seus sistemas econômicos e políticos aos princípios liberais e de economia de mercado dos americanos (LYNCH, 2020, tradução nossa).

Friede (2022) esclarece que essa unipolaridade de poder global exercida pelos EUA, no período pós-Guerra Fria (1991-2020), caracterizou-se por ser uma repetição da concepção dicotômica, vigente durante a Guerra Fria (1947-1991), relativamente à capacidade de travar uma guerra e meia (uma guerra termonuclear global contra a URSS, preservando a capacidade de vencer, concomitantemente, uma guerra localizada de longa duração e uma de baixa intensidade).

Por outro lado, a potência da Rússia tornou-se mais repressiva e militarmente nacionalista no século XXI. A Rússia, de Vladimir Putin, é movida por uma mistura de ressentimento, insegurança e ambição. Sente-se ameaçada pela proximidade física dos EUA e de seus aliados. Ela é uma potência revisionista que visa alterar o *status quo* em sua vizinhança imediata, estabelecendo uma zona de controle efetivo ao longo de sua periferia (LYNCH, 2020, tradução nossa).

3.8 Abordagens Estratégicas Alternativas

Este ambiente geopolítico propiciou a criação de um modelo holístico denominado Abordagens Estratégicas Alternativas (AEA), voltado para confrontos na EDI, que é decorrente da nova ordem mundial, tal como da decadência do pensamento estratégico ocidental (Esquema 2).

O constructo teórico AEA tem por base o emprego de ferramentas que convergem metodologicamente para uma combinação de soluções multidisciplinares de utilização das ações relacionadas aos meios militares e meios não militares para se atingir o estado final desejado com sucesso (VISACRO, 2022).

Esquema 2 – Abordagens Estratégicas Alternativas



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Visacro (2022)

Essa abordagem foi idealizada sob a perspectiva do ambiente estratégico pós-Guerra Fria, sobretudo em termos de competição entre os rivais dos americanos, na ótica chinesa, russa,

iraniana, ou, até mesmo, da Al Qaeda, que não podem encarar o poderio bélico dos EUA em um campo de batalha convencional (VISACRO, 2022).

Ela é composta por ações diretas e indiretas; militares e não militares; convencionais e não convencionais; cinéticas e não cinéticas; ostensivas e cobertas; legais e ilegais. E tais ações são implementadas pelas ferramentas: informacionais; diplomáticas; tecnológicas; jurídicas; geoeconômicas; e, militares e de proteção, visando alcançar ganhos geopolíticos e estratégicos (VISACRO, 2022).

Visacro (2022) realça que o campo de batalha, na teoria AEA, não tem predominância da dimensão física. Pelo contrário, a disputa existente no âmbito da dimensão humana e informacional tem se sobreposto, em importância, ao tradicional protagonismo do domínio físico.

É caracterizada pelo uso da força militar abaixo do limiar do conflito armado tradicional, possui largo emprego de atividades cibernéticas, subversão política e coerção econômica, além de operações de informação. Há a fusão de vários elementos de *soft power* e *hard power*, através de vários domínios, com o obscurecimento dos limites de guerra e paz, emprego de estratégias de múltiplos componentes, na qual o instrumento militar é apenas mais um, e nem sempre é o mais importante, dentro de uma abordagem do Estado como um todo. Em termos de capacidade de emprego, os meios não militares são empregados com maior ênfase do que os meios militares (VISACRO, 2022).

Após discorrer sobre o modelo teórico AEA, de Visacro (2022), serão apresentados os dados coletados via pesquisa bibliográfica, assim como as análises particularizadas por cada uma de suas ferramentas, visando responder ao problema de pesquisa.

4 APRESENTAÇÃO DE DADOS E ANÁLISE DE RESULTADOS

Este capítulo está dividido em seis seções. Na seção 4.1 são apresentados os dados (eventos observados) e as análises (eventos consequentes) do CRU até a reanexação da Crimeia pela Rússia, categorizados pelas seis ferramentas da teoria AEA, de Visacro (2022). Nas seções 4.2 a 4.5 são demonstrados como os objetivos específicos foram alcançados, e na seção 4.6 é descrita a estratégia russa sob o espectro da Guerra na Era da Informação, título deste trabalho.

4.1 O Emprego das Ferramentas da Teoria Abordagens Estratégicas Alternativas

As ferramentas da teoria AEA, de Visacro (2022), serão abordadas individualmente, conforme segue.

4.1.1 Ferramentas Militares e de Proteção

No início de 2014, a revolta de Maidan⁷ derrubou o governo pró-Rússia na Ucrânia, do então Presidente Victor Yanukovich. Vladimir Putin, em fevereiro de 2014, determinou a realização de uma importante manobra de prontidão militar com suas forças armadas convencionais na fronteira ocidental ucraniana, próximo à região de Donbass⁸, onde ocorriam movimentos separatistas contrários ao governo local (FERNANDES, 2016).

Enquanto isso, na Crimeia, supostos grupos armados usando uniformes militares sem insígnias, transportando armamentos e equipamentos militares especializados, apelidados por ‘*little green men*’, começaram a atuar como forças de segurança local, além de controlar setores da infraestrutura e instituições governamentais chaves da península. Eles também coordenaram e apoiaram insurgentes locais que lideravam movimentos separatistas pró-Rússia (FERNANDES, 2016).

Segundo Aranha (2017), mais tarde, soube-se que os responsáveis por esse movimento eram, na verdade, as forças especiais russas conhecidas por Spetsnaz⁹, passando-se por atores não estatais. Forças dotadas de alta capacitação militar e em operações especiais, as Spetsnaz passaram a controlar pontos-chave da cidade por meio do estabelecimento de *checkpoints* por toda a península.

Houve, também, a participação de *Private Military Company* (PMC), com destaque para a Wagner Group, de origem russa. É a famosa guerra por procuração. Ela vem conduzindo operações militares em várias regiões do mundo. Sua capacidade de combate possui um portfólio muito diversificado de produtos: assessoria de análise de inteligência; logística; relatório detalhado de inteligência; segurança de autoridades e segurança de instalações. Todas

⁷ A revolta de Maidan ou revolução ucraniana constitui-se de uma onda de protestos sangrentos e violentos, ocorridos na praça central da cidade de Kiev, Praça da Independência, chamada de Maidan. Os manifestantes civis que exigiam uma maior integração da Ucrânia com a União Europeia (UE) foram repelidos duramente pelas Forças de Segurança Ucranianas (FERNANDES, 2016).

⁸ Região do extremo leste da Ucrânia conhecida por bacia de Donets.

⁹ Denominação atribuída às forças especiais russas (FERNANDES, 2016).

essas atividades são de enorme valor para a política externa da Rússia, e contribuíram para o sucesso na missão de anexar a Crimeia à Federação Russa (VISACRO, 2022).

Dizia Aranha (2018), que cerca de 1.600 membros da Wagner Group foram identificados pelo Serviço de Segurança da Ucrânia, atuando na Crimeia durante o CRU.

Esses atores não estatais utilizaram técnicas e métodos de guerra irregulares, trabalhando de maneira sinérgica com o Estado Russo, que as apoiaram para alcançar o mesmo estado final desejado. As PMC permitiram a realização de atividades encobertas, o que não atrai uma opinião pública negativa, caso um soldado contratado sofra algum revés (ARANHA, 2018).

Em vez de contar com uma implantação em massa de tanques e artilharia, a campanha militar russa mobilizou menos de 10.000 homens, principalmente infantaria naval, já estacionada na Crimeia, apoiada por alguns batalhões de tropas aerotransportadas e comandos Spetsnaz, contra 16.000 militares ucranianos. Ademais, o veículo mais pesado utilizado foi o carro blindado BTR-80 com rodas (BERZINS, 2014, tradução nossa).

Posto isso, no dia 16 de março de 2014, pouco menos de um mês após a saída de Yanukovich do governo ucraniano, a Rússia invadiu e ocupou a Crimeia. Essa ocupação e anexação da península ocorreu sem incidentes violentos e mais graves.

Em todos esses eventos observados relacionados às ferramentas militares e de proteção, o uso da força ficou abaixo do limiar do conflito armado tradicional, compatível com a teoria AEA, de Visacro (2022).

4.1.2 Ferramentas Informativas

Em novembro de 2013, um jornalista ucraniano famoso, filho de imigrantes afegãos, descontente com a decisão do presidente ucraniano Victor Yanukovich, em não fazer um acordo com a UE, decidiu marcar um protesto. Nayem fez uma postagem em sua rede social **Twitter** pedindo “[...] que seus seguidores protestassem na Praça da Independência, conhecida como Maidan. Primeiro, vieram centenas, logo eram milhares, depois eram dezenas de milhares” (SOLOHUBENKO, 2014, p. 4, grifo nosso).

Do lado russo, algumas ações tiveram destaque no campo das Operações Psicológicas (Op Psc), por exemplo: a criação de perfis falsos no **Facebook** e **Vkontakte** (rede social bastante usada no país) pela Agência de Inteligência Internacional da Rússia, para incentivar a população da Crimeia a apoiar a cisão da Ucrânia (ROSA, 2022, grifo nosso); o bloqueio e a tomada de controle de emissoras de TV e rádio ucranianas (BERZINS, 2020, tradução nossa);

a adulteração dos cabos de fibra ótica que desativaram os serviços de telefonia local, sistemas de Internet e serviços vitais de comunicação, tais como primeiros socorros, bombeiros, resgate e aplicação da lei. Dessa maneira, os russos de posse dos meios de comunicação ucranianos argumentavam que a intervenção militar russa na Crimeia foi justificada porque os povos de etnia russa estavam sendo perseguidos e sua proteção era necessária (ABBOTT, 2016, tradução nossa).

A Rússia implementou ações de Operações Psicológicas (Op Psc) que consiste em “[...] uma campanha deliberada de desinformação apoiada por ações dos órgãos de inteligência destinadas a confundir o inimigo e obter vantagem estratégica a um custo mínimo” (SNEGOVAYA, 2015, p. 9, *apud* BARBOSA, 2020). “Por exemplo, ao negar a presença de soldados na Crimeia, a Rússia conseguiu retardar a reação ucraniana e ocupar posições estratégicas” (BARBOSA, 2020).

Vários ataques de guerra cibernética também foram identificadas. Um grupo de hackers pró-Rússia, CyberBerkut, reivindicou a responsabilidade pelos ataques de negação de serviço distribuído (DDoS) em sites governamentais críticos, tornando-os inutilizáveis ou destruindo ou alterando seu conteúdo (ABBOTT, 2016, tradução nossa), e foram realizadas operações cibernéticas, de *proxies* para coagir, degradar, manipular e influenciar o povo ucraniano (CHARAP, 2015, tradução nossa).

As novas tecnologias da informação pertencentes às ferramentas informacionais permitiram ser enquadradas como um dos meios principais de se atingir os objetivos russos no CRU, conforme enfoque previsto na teoria AEA, de Visacro (2022).

4.1.3 Ferramentas Diplomáticas

Analisando pelo prisma diplomático, Berzins (2014, tradução nossa) sustenta que para a Rússia, a Ucrânia deve ser um aliado próximo ou, na melhor das hipóteses, neutro. Os russos consideram o envolvimento dos EUA e da UE nos assuntos internos ucranianos como um confronto direto com seus interesses regionais. Já era difícil aceitar que os Estados Bálticos se tornassem membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), em 2004. Moscou declara que o Ocidente garantiu que as ex-repúblicas soviéticas seriam deixadas como uma zona neutra. Verdade ou não, o fato é que hoje a fronteira da OTAN fica, aproximadamente, a 160 km de São Petersburgo em vez de 1.600 km durante o período da URSS.

Realmente, Visacro (2022) alerta para a importância das ferramentas diplomáticas pelos russos na manutenção das relações com os ucranianos, pois a Rússia nesse período tentou manter no governo de Kiev, um aliado de Moscou.

Logo, em 21 de fevereiro de 2014, o então presidente ucraniano Yanukovich assinou um acordo liderado pela UE e mediado por ministros da Polônia, França e Alemanha, para tentar apaziguar os ânimos dos protestos civis. O acordo incluía: eleições presidenciais antecipadas até dezembro de 2014; uma investigação da violência do governo a ser conduzida conjuntamente pelo governo da oposição; anistia para manifestantes presos desde o dia 17 de fevereiro e entrega de prédios públicos ocupados por manifestantes (BERZINS, 2014, tradução nossa).

Entretanto, a oposição continuou a pressionar pela renúncia de Yanukovich. Falando à multidão do palco do Maidan, Volodymir Parasiuk declarou que se Yanukovich não renunciasse até as 10h do dia 22 de fevereiro, ocorreria um golpe armado. A polícia se retirou, deixando os prédios do governo, incluindo a residência do presidente, desprotegidos. Atiradores de elite começaram a atirar nos manifestantes e na polícia, com duas versões surgindo do que estava acontecendo. Uma, apoiada pela Rússia, era que a oposição, apoiada pelos países ocidentais, estava por trás dos tiroteios; a outra, era que os franco-atiradores eram do Ministério da Administração Interna, pró-Rússia, atuando em planos da era soviética, com o objetivo de escalar o conflito, justificando uma operação para acabar com os protestos. Se isso fosse verdade, o resultado foi o contrário, pois deu mais poder à oposição, que conseguiu aprovar no parlamento um projeto de *impeachment* do presidente Yanukovich. Ele e outros funcionários do governo deixaram o país e um novo governo foi formado. Isso desencadeou a anexação da Crimeia pela Rússia (BERZINS, 2014, tradução nossa).

As ferramentas diplomáticas utilizadas pela Rússia foram decisivas na reanexação da Crimeia, corroborando com a teoria AEA, de Visacro (2022).

4.1.4 Ferramentas Tecnológicas

Foi observado o uso, em larga escala, de Aeronaves Remotamente Pilotadas (ARP) de uso civil nas operações de guerra em adaptação para uso como armamento. As Forças Armadas ucranianas e os separatistas pró-Rússia utilizaram-se deste tipo de equipamento comercial, com diversas variações e modificações com o intuito de flexibilizar as suas capacidades de atuar, tanto em cenário ofensivo como defensivo (HARTMANN; GILES, 2016, *apud* ASSIS; JUNIOR, 2021).

Paralelamente, ocorreu o aumento da intensidade de reconhecimento de instalações no território da Ucrânia, envolvendo o grupo orbital de veículos de inteligência aeroespacial, grupos de inteligência de sinais de manobra, reconhecimento da força aérea, ARP e embarcações controladas, bem como, a realização de reconhecimento e guerra eletrônica por tropas das forças armadas da Federação Russa em favor de apoiar suas próprias tropas e formações armadas ilegais (BERZINS, 2020, tradução nossa).

As ferramentas tecnológicas utilizadas pela Rússia foram importantes e colaboraram de forma integrada às demais ferramentas na reanexação da Crimeia, corroborando com a teoria AEA, de Visacro (2022).

4.1.5 Ferramentas Jurídicas

Em 16 de março de 2014, foi realizado um plebiscito na Crimeia decidindo o futuro da região. A maioria da população local, cuja população é majoritariamente composta por russos étnicos, votou pela anexação de seu território à Rússia. Na década de 90, foi utilizada a mesma estratégia para a independência do Kosovo com um plebiscito invocando o princípio da autodeterminação dos povos (VISACRO, 2022).

Essa reanexação da Crimeia à Federação Russa, em 2014, foi considerada pelo Ocidente como uma violação da lei internacional, portanto ilegal. Em reunião, os Chefes de Estado condenaram a ação russa e consideraram-na um desafio à segurança euro-atlântica (NATO, 2014 *apud* FERNANDES, 2016).

A Rússia considera que isso é apenas cinismo legal e argumenta que o Ocidente considera alguns eventos legítimos, mas outros ilegítimos, apesar de serem da mesma natureza, conforme seja do seu próprio interesse ou não. A Rússia também vem argumentando que suas ações são resultado de seu compromisso de defender a integridade territorial da Ucrânia, resignado aos muitos acordos internacionais assinados durante a década de 1990 (ABBOTT, 2016, tradução nossa).

Dentre as ações subsidiárias à anexação da Crimeia, merecem destaque o bloqueio e a tomada de órgãos de aplicação da lei na Ucrânia, como o prédio do Parlamento e o Conselho Supremo da Crimeia (BERZINS, 2020, tradução nossa); e a adulteração dos cabos de fibra ótica que, também, desativou os serviços de telefonia local, sistemas de Internet e serviços vitais de comunicação, como a aplicação da lei (ABBOTT, 2014, tradução nossa).

Todas essas ferramentas jurídicas prejudicaram a capacidade do governo ucraniano e das instituições de justiça em dar andamento nos processos de justiça em Crimeia, colaborando

para a reanexação da Crimeia à Federação Russa, e enquadrando-se na teoria AEA, de Visacro (2022).

4.1.6 Ferramentas Geoeconômicas

Analistas que apoiam a reconciliação da Ucrânia com a UE dizem que o pano de fundo dos protestos que levaram ao golpe que derrubou Yanokovich foi a situação econômica do país. Com a mentalidade dos anos 1990, reiteraram que a única opção da Ucrânia era aprofundar os laços econômicos com o grupo econômico, liberalizar e promover maior interdependência com a Europa, evitando a chantagem econômica dos russos (MIELNICZUK, 2014).

A Ucrânia sofreu grandes perdas econômicas como resultado da anexação da Crimeia à Rússia. Houve cerca de 7% de perda na produção desde a ocupação do leste da Ucrânia, 3% de perda de investimento estrangeiro direto e sanções comerciais russas que reduziram as exportações ucranianas para a Rússia em 70% (ABBOTT, 2016, tradução nossa).

Até o conflito, a Ucrânia dependia da Rússia para metade de seu suprimento de energia para abastecer sua indústria pesada e necessidades civis. Durante o conflito, a Gazprom, a gigante estatal de energia, decidiu intermitentemente aumentar os preços do gás natural ou cortar completamente o fornecimento de gás da Ucrânia (ABBOTT, 2016, tradução nossa).

Portanto, houve uma limitação severa da capacidade da Ucrânia em manter a sua segurança energética e lhe obrigou a refletir sobre a decisão de se associar à UE. O país poderia ser exposto a crises econômicas seríssimas, tanto por dificuldades no fornecimento de energia para empresas e indústrias quanto para suprir as necessidades básicas de seu povo para suportar os períodos de frio da região, sendo tão decisiva quanto o uso da força para conquistar o estado final desejado da reanexação da Crimeia, de acordo com a teoria AEA, de Visacro (2022).

Desse modo, após discorrer sobre as ferramentas de poder utilizadas pela Rússia no CRU, validar os enquadramentos substanciais da teoria AEA, de Visacro (2022), é dado prosseguimento ao artigo por meio da identificação dos objetivos específicos.

4.2 Principais Características do Conflito Russo-Ucraniano (OE1)

Para Fernandes (2016, p. 27), as ações na Crimeia podem ser classificadas como guerra irregular, uma subdivisão da guerra híbrida. “[...] Este tipo de conflito caracteriza-se pelas atividades predominantes serem a subversão, a contrassubversão e a existência de um ambiente que se denominou por guerra não convencional.”

Aranha (2017), concordando com esse raciocínio, cita outras ações irregulares, como: largo uso de Op Psc, intimidação, corrupção e propaganda subversiva de alta intensidade na mídia convencional e Internet.

Quanto ao ambiente do campo de batalha, Charap (2015, tradução nossa) relata que a intervenção russa na Ucrânia empregou ações em todos os domínios: seja no ambiente operacional físico, humano ou informacional.

Na dimensão física, houve uma disponibilidade de moderna tecnologia com o emprego em larga escala de ARP (HARTMANN; GILES, 2016, *apud* ASSIS; JUNIOR, 2021), tal como a presença de forças especiais russas Spetsnaz, que transportavam armamento e equipamento militar russo na Crimeia (FERNANDES, 2016).

Enquanto na dimensão informacional, o conflito ocorreu em nível global via rede social Twitter (SOLOHUBENKO, 2014), inclusive com ameaças e ataques cibernéticos (ABBOTT, 2016, tradução nossa). E, por último, na dimensão humana, destaca-se o caráter psicossocial e cultural, evidenciado na interação entre os militares das Spetsnaz com a população local da Crimeia (ARANHA, 2017).

Para Berzins (2020), as ações russas na Ucrânia em 2014 foram classificadas como Guerra de Nova Geração.

Com relação aos resultados alcançados do objetivo OE1, em confronto com a DBFAB, pode-se constatar que ela não traz um capítulo específico e relacionado aos campos de batalha na EDI, quais sejam: a dimensão física, dimensão humana e dimensão informacional. A identificação dessas três dimensões no CRU nos revela a importância da atualização de nossa doutrina, tal como ocorreu com a Doutrina Militar Terrestre, em 2019.

4.3 Tipos de Atores Presentes no Conflito Russo-Ucraniano (OE2)

Foram identificadas no CRU forças armadas do Estado, tanto da Rússia como da Ucrânia, e forças não estatais que contribuíram tanto para o desenvolvimento, estruturação e a disseminação das operações convencionais quanto para a conjugação com as operações militares não convencionais nos dois espectros – regular e irregular.

Dessa forma, estiveram presentes no CRU os seguintes tipos de atores: estatais e não estatais (NATO 2014, *apud* FERNANDES, 2016), compostas por: forças armadas russas convencionais (FERNANDES, 2016); forças armadas ucranianas convencionais (HARTMANN; GILES, 2016, *apud* ASSIS; JUNIOR, 2021); forças especiais convencionais passando-se por atores não estatais (ARANHA, 2017); empresa militar privada executando

guerra por procuração em missões convencionais (ARANHA, 2018) e forças insurgentes nas regiões de Donetsk e Luhansk (CHARAP, 2015, tradução nossa).

4.4 Fontes de Poder Utilizadas no Conflito Russo-Ucraniano (OE3)

Nesta seção, ficaram evidenciados os resultados alcançados a partir do objetivo específico OE3, assim dizendo, identificar os conceitos de poder estabelecidos por Joseph Nye no CRU.

Primeiramente, o uso de poder bruto ou *hard power* foi caracterizado pelas forças convencionais russas, realizando manobra de prontidão militar na fronteira ocidental ucraniana, próximo à região de Donbass (FERNANDES, 2016), e, também, pelas sanções comerciais russas que reduziram as exportações ucranianas para a Rússia em 70% (ABBOTT, 2016, tradução nossa).

Em segundo lugar, o *soft power* pode ser identificado pelo apoio das etnias russas (Poder Psicossocial¹⁰) locais aos militares da Spetsnaz (ARANHA, 2017) e, assim, pela presença do Poder Político na intervenção russa na Ucrânia (CHARAP, 2015, tradução nossa).

E, por último, ficou evidenciado o terceiro tipo de poder, o *smart power*, a partir das ações simultâneas de poder militar, informacional, econômico, político, diplomático, jurídico e tecnológico (CHARAP, 2015, tradução nossa).

4.5 Relacionamento das Variáveis (OE4)

Os resultados deste trabalho indicam que a hipótese desenvolvida é correta. O uso do instrumento militar na estratégia russa foi articulado com os demais meios não militares.

Para Visacro (2022), a campanha militar russa ocorreu de forma articulada e harmônica com o emprego de meios não militares, no ano de 2014, quando ocorreu o CRU, para se atingir o estado final desejado da reanexação da Crimeia à Federação Russa.

Charap (2015, tradução nossa) corrobora com Visacro quando diz que a intervenção russa na Ucrânia empregou ações em todos os domínios do ambiente operacional: político, militar, econômico, social e informacional e demonstrou a capacidade da Rússia em coordenar os seus instrumentos de poder, a fim de atingir os seus objetivos.

¹⁰ Caracterizado na habilidade de atrair, colaborar e contribuir com parceiros e aliados.

Davis (2015, tradução nossa) também concorda que a Rússia coordenou os seus instrumentos de poder econômico, militar, informacional e diplomático de forma a alcançar os seus objetivos estratégicos.

Essa compreensão russa da guerra híbrida reflete um pensamento de contingência convencional e nuclear, que combina em simultâneo, meios ambíguos e não ambíguos, de acordo com uma única estratégia para alcançar objetivos definidos, mas composta por uma ou várias operações estratégicas que abrangem todo o espectro de meios e armas disponíveis (COVINGTON, 2016, tradução nossa).

[...] Foi ele, o intenso e bem coordenado emprego de ações de inteligência, guerra psicológica, intimidação, corrupção e propaganda de alta intensidade na mídia convencional e na Internet que minou e, eventualmente, colapsou a resistência ucraniana, congelando ao mesmo tempo possível reação em força dos membros da OTAN. (ARANHA, 2017, p. 7).

A anexação russa da Crimeia na Ucrânia e a subsequente desestabilização do leste da Ucrânia foram cineticamente executadas por meio de forças especiais (não convencionais) em conjunto com uma série de táticas diplomáticas, cibernéticas, econômicas, informativas e psicológicas sincronizadas, em camadas, bem planejadas e coordenadas (ABBOTT, 2016, tradução nossa).

Para ilustrar esse novo conceito, Hoffman (2007) assevera que o caráter dos conflitos no século XXI não permitirá mais utilização dos meios militares de forma isolada. O emprego das forças armadas deve ser flexível, uma vez que o emprego das expressões do poder nacional devem ocorrer de maneira integrada de meios cinéticos e de meios não cinéticos de modo a amplificar os efeitos gerados, tanto na dimensão física quanto na dimensão psicológica do campo de batalha.

4.6 Estratégia Russa sob o Espectro da Guerra na Era da Informação

A estratégia russa (variável independente) empregou os meios militares de forma integrada e harmônica com os meios não militares (variáveis dependentes), consonante com o espectro ilustrado no Esquema 3.

Para tanto, utilizou-se de uma representação contendo seis círculos concêntricos, em que cada um representa uma das ferramentas relativas à teoria AEA, de Visacro (2022).

Em cada círculo, há o obscurecimento dos limites de guerra e paz, quer dizer, não é perceptível definir onde se inicia e onde finaliza o nível mais brando de paz estável ou o mais crítico de guerra total, tal como *Yin e Yang*. A guerra é não linear e não cartesiana.

Em tese, não existia guerra entre Ucrânia e Rússia no momento em que ocorriam os tumultos sangrentos em Maidan.

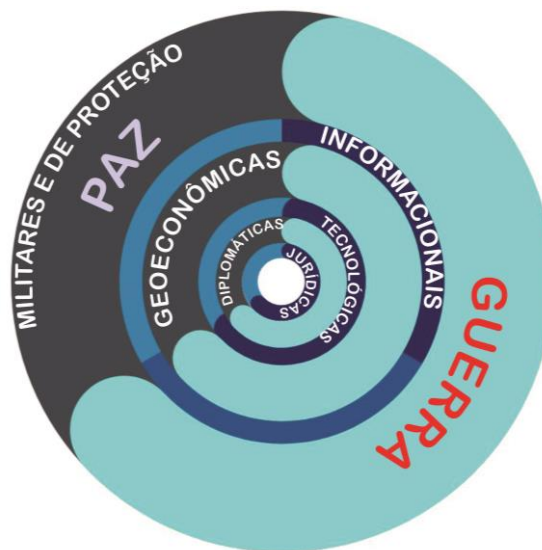
Para Visacro (2022), este conflito não ocorreu em 2014, mas em 2004, por ocasião da Revolução Laranja, período de muita instabilidade política na Ucrânia, o que representa a não linearidade deste conflito.

Dessa maneira, cada esfera é totalmente interdependente e indissociável umas das outras. Todas as seis circunferências unidas representam a abordagem do Estado (Federação Russa) como um todo, com o emprego de múltiplos componentes, ou ferramentas de poder relativos à teoria AEA, de Visacro (2022). O círculo maior, representa o instrumento militar, e não é o mais importante, mas apenas uma parte da estratégia maior.

As ações russas na Ucrânia demonstraram novos desenvolvimentos na conduta da guerra, mais ainda, Moscou coordenou as expressões do poder nacional de forma ímpar para atingir seus objetivos estratégicos.

Em menos de um mês e poucos dias, a anexação da Crimeia foi efetivada ao seu território novamente. A postura da Rússia, demonstra ao mundo querer entrar no jogo geopolítico mundial novamente para que possa disputar de forma mais ousada e irrestrita com seu velho rival do Ocidente, os EUA.

Esquema 3 – Estratégia Russa sob o Espectro da Guerra na Era da Informação



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Visacro (2022)

5 CONCLUSÃO

Com o uso reduzido do instrumento militar, a forma russa de se conduzir a guerra no CRU utilizou-se de uma abordagem integrada e harmônica de vários instrumentos do poder nacional. Do mesmo modo que a força militar vencida inúmeras batalhas de antigamente, hoje, a diplomacia pode somar forças conjuntamente com as ferramentas econômicas e jurídicas, para conquistar sinergicamente os objetivos estratégicos do Estado.

Nesta esteira, este estudo teve como objetivo identificar a estratégia russa empregada no CRU, ocorrido no ano de 2014, a partir da aplicação dos meios militares e meios não militares, para a reanexação da Crimeia à Federação Russa.

Para atingi-lo, descreveu-se os papéis de cada uma das ferramentas predominantes da teoria AEA, de Visacro (2022), observadas durante o conflito real. Na sequência, identificou-se o relacionamento da estratégia russa (variável independente) com o emprego dos meios militares e meios não militares (variáveis dependentes). Em seguida, foram identificadas as características presentes no CRU (objetivos específicos). Para, ao final, responder ao problema de pesquisa.

Verificou-se, em todas as seis ferramentas observadas no conflito, que elas atendem aos requisitos de emprego estipuladas na teoria AEA, de Visacro (2022).

Dessa forma, pode-se corroborar com a hipótese inicialmente elencada, respondendo ao problema de pesquisa, isto é, a campanha militar russa no CRU, em 2014, ocorreu de forma coordenada com o emprego de meios não militares para se atingir o estado final desejado da reanexação da Crimeia à Federação Russa, de acordo com a teoria AEA, de Visacro (2022).

Depreende-se como sugestão de aperfeiçoamento da Doutrina Básica da Força Aérea, atualizada em 2020, a inclusão de um capítulo específico relacionado aos campos de batalha na EDI, ressaltando a inclusão das dimensões humana e informacional, além da dimensão física existente, tal como ocorreu com a Doutrina Militar Terrestre, do Exército Brasileiro, em 2019.

À vista disso, o objetivo do estudo, que era identificar a estratégia russa empregada no CRU, ocorrido no ano de 2014, a partir da aplicação dos meios militares e meios não militares para a reanexação da Crimeia à Federação Russa, foi alcançado, chegando-se à conclusão de que eles foram utilizados de forma coordenada, integrada e harmônica.

Por fim, vale ressaltar que as impressões coletadas para este estudo ocorreram em meio à guerra informacional, condição predominante dos conflitos da EDI, que nos impõe cada vez mais a necessidade de ampliar o debate sobre a utilização dos meios não militares nos conflitos do século XXI.

REFERÊNCIAS

- ABBOTT, D. H. **The Handbook of 5GW: a Fifth Generation of War?** Nimble Books LLC, United States of America, 2010. Disponível em: <https://dokumen.pub/qdownload/the-handbook-of-fifth-generation-warfare-9781934840177-1934840173.html>. Acesso em: 28 maio 2022.
- ABBOTT, K. **Understanding and Countering Hybrid Warfare: next steps for the North Atlantic Treaty Organization.** University of Ottawa. Major Research Paper, March 23, 2016. Disponível em: <https://ruor.uottawa.ca/bitstream/10393/34813/1/ABBOTT%2C%20Kathleen%2020161.pdf>. Acesso em: 19 maio 2022.
- ARANHA, F. **Guerra Híbrida – Emprego pela Rússia Little Green Men – Polite People.** DefesaNet, 15 de setembro de 2017. Disponível em: <https://www.defesanet.com.br/ghbr/noticia/27101/GUERRA-HIBRIDA---EMPREGO-pela-RUSSIA-Parte-I/>. Acesso em: 15 abr. 2022.
- ARANHA, F. **Guerra Híbrida, Desvendando a “PMC Wagner”.** Apontamentos a partir de fontes abertas. DefesaNet, 07 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.defesanet.com.br/russiadocs/noticia/29702/GUERRA-HIBRIDA-%E2%80%93-Desvendando-a-%E2%80%93CPMC-WAGNER%E2%80%93D/>. Acesso em: 07 jun. 2022.
- ASSIS, L. D.; JUNIOR, A. F. D. S. **Emprego Bélico de Aeronaves Remotamente Pilotadas de Pequeno Porte.** XI ENABED, Anais eletrônicos, 2021. Disponível em: https://www.enabed2021.abedef.org/resources/anais/15/enabed2020/1625346722_ARQUIVO_e1a826eaf42480caaf98abb52dd2d6d5.pdf. Acesso em: 12 maio 2022.
- BARBOSA, A. H. B. **A Desinformação Como Ferramenta da Guerra Híbrida.** Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br.egn>. Acesso em: 19 abr. 2022.
- BARTLES, C. K. **Getting Gerasimov Right.** Military Review, January-February, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/329933852_Getting_Gerasimov_Right. Acesso em: 01 jun. 2022.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Portaria Normativa nº 9/GAP/MD, de 13 de janeiro de 2016. Aprova o Glossário das Forças Armadas, 5.^a ed, 2015. **Diário Oficial da União**, Brasília, nº 14, 21 de janeiro de 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/ptbr/arquivos/legislacao/emcfa/publicacoes/doutrina/md35-G-01-glossario-das-forcasarmadas-5-ed-2015-com-alteracoes.pdf/view>. Acesso em: 19 abr. 2022.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Comando do Exército. Portaria nº 326 - EME, de 31 de outubro de 2019. Aprova o Manual de Fundamentos Doutrina Militar Terrestre, 2.^a ed, 2019. **Boletim do Exército nº 45**, de 08 de novembro de 2019. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/4760/1/EB20-MF-10.102.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Defesa. Comando da Aeronáutica. Portaria nº 1.224/GC3, de 10 de novembro de 2020. Aprova a reedição da Doutrina Básica da Força Aérea Brasileira – v.1. **Boletim do Comando da Aeronáutica**, Rio de Janeiro, nº 205, 12 nov. 2020.

BERZINS, J. **The Theory and Practice of New Generation Warfare: the case of Ukraine and Syria**. *The Journal of Slavic Military Studies*, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13518046.2020.1824109>. Acesso em: 05 jun. 2022.

BERZINS, J. **Russia's New Generation Warfare in Ukraine: Implications for Latvian Defense Policy**. National Defence Academy of Latvia Center for Security and Strategic Research. Policy Paper nº 02, April 2014. Disponível em: <https://sldinfo.com/wp-content/uploads/2014/05/New-Generation-Warfare.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2022.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, v.1. Santa Efigênia, São Paulo, SP: Editora Paz e Terra S/A, 1999. Disponível em: <https://globalizacaoeintegracaoregionalufabc.files.wordpress.com/2014/10/castells-m-a-sociedade-em-rede.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2022.

CHARAP, S. **The Ghost of Hybrid War**. *Survival, Global Politics and Strategy*, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00396338.2015.1116147>. Acesso em: 05 jun. 2022.

CHIAVENATO, I. **Recursos Humanos: o capital humano das organizações**. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier Ltda, 2009.

COALSON, R. **The Value of Science Is in the Foresight: New Challenges Demand Rethinking the Forms and Methods of Carrying out Combat Operations**. *Military-Industrial Kurier*, 27 Feb. 2013. Disponível em: https://www.armyupress.army.mil/portals/7/military-review/archives/english/militaryreview_20160228_art008.pdf. Acesso em: 12 abr. 2022.

COALSON, R. **Top Russian General Lays Bare Putin's Plan for Ukraine**. HuffPost Contributor platform, 02 Sep. 2014. Disponível em: https://www.huffpost.com/entry/valery-gerasimov-putin-ukraine_b_5748480. Acesso em: 02 jun. 2022.

COSTA, F. C. **Hard, Soft ou Smart Power? A Estratégia de Política Externa dos EUA para o Brasil no período 2018-2022**. Artigo Científico (Especialização em Relações Internacionais) – Curso de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2019. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/24918/1/2019_FernandoChavesCosta_tcc.pdf. Acesso em: 15 jun. 2022.

COVINGTON, S. R. **The Culture of Strategic Thought Behind Russia's Modern Approaches to Warfare**. Harvard Kennedy School, Belfer Center for Science and International Affairs, 2016. Disponível em: <https://www.belfercenter.org/sites/default/files/legacy/files/Culture%20of%20Strategic%20Thought%203.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2022.

DAVIS, J. J. R. **Continued Evolution of Hybrid Threats. The Russian Hybrid Threat Construct and the Need for Innovation**. *The Three Swords Magazine*, issue nº. 28, 05, p. 19-25. Disponível em: https://www.jwc.nato.int/images/stories/threeswords/CONTINUED_EVOLUTION_OF_HYBRID_THREATS.pdf. Acesso em: 05 jun. 2022.

FERNANDES, H. **As Novas Guerras: o Desafio da Guerra Híbrida**. Revista de Ciências Militares, v. IV, n. 2, novembro de 2016. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle>. Acesso em: 02 jun. 2022.

FRIEDE, R. Desafios para o século XXI e as limitações do emprego do Poder Militar. *In: CURSO AVANÇADO DE COMANDO E ESTADO-MAIOR*, ECEMAR, 10 abr. 2022. Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Universidade da Força Aérea, 2022. Apresentação do Power Point. Disponível em: <http://cead.unifa.aer.mil.br/cead19>. Acesso em: 22 abr. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019

HOFFMAN, F. G. **Conflict in the 21st Century: the Rise of Hybrid Wars**. Potomac Institute, 2007. Disponível em: https://www.potomac institute.org/images/stories/publications/potomac_hybridwar_0108.pdf. Acesso em: 16 abr. 2022.

HUBER, T. **Compound Warfare: the Fatal Knot**. U.S. Army Command and General Staff College Press, Fort Leavenworth, Kansas, 2002. Disponível em: https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/combat-studies-institute/csi-books/compound_warfare.pdf. Acesso em: 10 abr. 2022.

HUNTINGTON, S. P. **O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial**. Tradução de M. H. C. Côrtes. SBD-FFLCH-USP, 2000. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5639787/mod_resource/content/1/samuel_huntington_-_o_choque_de_civilizacoes1.pdf. Acesso em: 14 abr. 2022.

KALDOR, M. **New and Old Wars: Organized Violence in a Global Era**. Polity Press, 1999. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23615979>. Acesso em: 18 abr. 2022.

LIANG, Q.; XIANGSUI, W. **Unrestricted Warfare**. PLA Literature and Arts Publishing House, Fevereiro, 1999. Disponível em: <https://www.pdfdrive.com/unrestricted-warfare-pdf-c4iorg-d10356697.html>. Acesso em: 12 abr. 2022.

LIMA, R. D. M. **Guerras Híbridas: o Princípio de Heisenberg no Pensamento Estratégico e uma Possível Alternativa**. Dissertação (Bacharel em Relações Internacionais) – Curso de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2018. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/21820#:~:text=Termo%20de%20dif%C3%ADcil%20defini%C3%A7%C3%A3o%2C%20descreve,pensamento%20estrat%C3%A9gico%20%C3%A9%20a%20incerteza>. Acesso em: 10 maio 2022.

LIND, W. S. **Understanding Fourth Generation War**. Military Review, v. 84, n. 5, September/October 2004, p. 12-16. Disponível em: <https://www.hsdl.org/?view&did=482203>. Acesso em: 28 maio 2022.

LYNCH, T. F. **Strategic assessment 2020: into a new era of great power competition**. Institute for National Strategic Studies, National Defense University, 2020. Disponível em: <https://ndupress.ndu.edu/Publications/Books/Strategic-Assessments-2020/>. Acesso em: 20 maio 2022.

MAGNOLI, D. **História das guerras**. São Paulo, SP: Contexto, 2006.

MARTI, M. E. **A China de Deng Xiaoping**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2021.

MAZUCATO, T. **Carl von Clausewitz**. Penápolis, SP: Editora Funepe, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/342154477_CARL_VON_CLAUSEWITZ. Acesso em: 18 abr. 2022.

MIELNICZUK, F. **A Crise Ucraniana e suas Implicações para as Relações Internacionais**. Revista Conjuntura Austral, v. 5, n°. 23, Abril /Maio 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/46849>. Acesso em: 16 jun. 2022.

NYE, J. S. **O Paradoxo do Poder Americano**. São Paulo: UNESP, 2002.

ROSA, G. S. **De conspirações a checagens falsas, Rússia usa Twitter e Facebook como arma de guerra**. Tecnoblog, 2022. Disponível em: <https://tecnoblog.net/especiais/de-conspiracoes-a-checagens-falsas-russia-usa-twitter-e-facebook-como-arma-de-guerra/>. Acesso em: 15 jun. 2022.

SMITH, R. **The Utility Force: the Art of War in the Modern World**. Great Britain by Allen Lane, an imprint of Penguin Books, Ltd., London, in 2005. Disponível em: <https://archive.org/details/utilityofforcear00smit/page/n5/mode/2up>. Acesso em: 18 abr. 2022.

SNEGOVAYA, M. **Putin's Information Warfare in Ukraine**. Soviet Origins of Russia's Hybrid Warfare. Russia Report 1. Institute for the Study of War. Washington, DC. September, 2015. Disponível em: <https://www.understandingwar.org/sites/default/files/Russian%20Report%201%20Putin's%20Information%20Warfare%20in%20Ukraine-%20Soviet%20Origins%20of%20Russias%20Hybrid%20Warfare.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2022.

SOLOHUBENKO, O. **Análise: como um tuíte virou uma guerra com milhares de mortos na Ucrânia**. BBC NEWS, Brasil, 25 de dezembro de 2014. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141225_ucrania_tweet_confronto_analise_fn. Acesso em: 17 abr. 2022.

VISACRO, A. **Guerra Irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história**. São Paulo, SP: Contexto, 2009.

VISACRO, A. **A guerra na era da informação**. São Paulo, SP: Contexto, 2018.

VISACRO, A. Guerra Híbrida. *In*: CURSO AVANÇADO DE COMANDO E ESTADO-MAIOR, ECEMAR, 06 abr. 2022. Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Universidade da Força Aérea, 2022. Apresentação do Power Point. Disponível em: <http://cead.unifa.aer.mil.br/cead19>. Acesso em: 10 abr. 2022.

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM O CORONEL VISACRO

Quadro 2 – Transcrição da Entrevista com o Coronel Visacro (continua)

<p>Entrevistador: Tenente Coronel Tales Paiva Rodrigues Entrevistado: Coronel Alessandro Visacro Data: 22 de maio de 2022 Local: Aplicativo WhatsApp</p>
<p>Pergunta 1. O que é guerra convencional?</p> <p>Resposta 1. Na verdade, esse conceito de guerra convencional é um constructo teórico ocidental, ou melhor, é uma construção teórica decorrente do atrofiado pensamento estratégico ocidental. E aí, por Ocidente, eu vou me valer da definição de Samuel Huntington. Pra ele, Ocidente é Europa Ocidental, Canadá, Estados Unidos, América Latina e Austrália. Guerra convencional é fruto de um constructo teórico ocidental, reitero, é fruto daquilo que chamamos de atrofia do pensamento estratégico que é composta por três componentes: o legado clássico da cultura helênica; o ideal vestfaliano de uma ordem internacional centrada na soberania do Estado-nação; e o paradigma da guerra industrial entre Estados.</p>
<p>Pergunta 2. Como o Senhor analisa a visão de Clausewitz (1780-1831), em suas obras <i>On war e Principles of war</i>, sobre a subordinação da guerra à política?</p> <p>Resposta 2. O entendimento do general prussiano leva a crer que a guerra é o último e decisivo recurso à disposição do Estado, traduzindo uma perspectiva linear e cartesiana do conflito armado. A intenção da política é o fim, enquanto que a guerra é o meio, e não se pode conceber o meio independente do fim. A guerra deveria ser um dos recursos à disposição da política e não o único.</p>
<p>Pergunta 3. Por que o Senhor considera a Guerra do Golfo de 1991 como sendo o último conflito da Idade do Aço, conforme descrito em sua obra <i>A guerra na era da informação</i>?</p> <p>Resposta 3. Depois da vasta superioridade bélica demonstrada na campanha do Golfo de 1991, restou claro para todas as forças armadas do mundo que nenhuma delas poderiam contrapor-se aos EUA no embate regido pela guerra convencional. Logo, elas teriam que buscar uma outra forma de combatê-lo. No entanto, as transformações sociais e tecnológicas alteraram profundamente a natureza e a forma de conduzir as guerras daquele conflito para frente, na era da informação. Por isso, a Guerra do Golfo, em 1991, foi o último conflito com o paradigma da guerra industrial.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor com a participação de Visacro (2022)

Quadro 2 – Transcrição da Entrevista com o Coronel Visacro (continua)

<p>Entrevistador: Tenente Coronel Tales Paiva Rodrigues Entrevistado: Coronel Alessandro Visacro Data: 22 de maio de 2022 Local: Aplicativo WhatsApp</p>
<p>Pergunta 4: Como o Senhor explica o surgimento de vários termos para designar as guerras que surgiram no período pós-industrial?</p> <p>Resposta 4: Realmente, são vários os conflitos que surgiram, por exemplo: novas e novíssimas guerras, guerra pós-moderna, guerra pós-heroica, guerra pós-clausewitziana, guerra de quarta geração, conflito assimétrico, guerra de três quadras, guerra além dos limites, guerra irrestrita, guerra no meio do povo, guerra de terceira onda, guerra híbrida e conflito na zona cinza. Todos esses novos conceitos têm um propósito em comum: tentar explicar a dinâmica do ambiente geopolítico contemporâneo, que não se subordina àquele conceito rígido de guerra convencional. A queda da URSS e o fim da Guerra Fria, aliada às mudanças profundas na sociedade impulsionaram a criação de uma nova ordem internacional e um novo ambiente geopolítico estratégico.</p>
<p>Pergunta 5. Cômsono à sua teoria <i>Abordagens Estratégicas Alternativas</i>, descrita no slide nº 48 de sua apresentação em Power Point, ministrada no dia 06 de abril de 2022 para os Oficiais-Alunos do CCEM-2022, da ECEMAR, defini as variáveis que servirão para instrumentar a minha hipótese de pesquisa. A estratégia russa, como variável independente, reflete a maneira pela qual as ferramentas militares e de proteção ou força militar (variável dependente) se relaciona com os demais meios não militares, retratados nas ferramentas informacionais, diplomáticas, tecnológicas, jurídicas e geoeconômicas (variáveis dependentes). Essa estrutura criada está correta?</p> <p>Resposta 5. Sim, essa estruturação de variáveis está correta.</p>
<p>Pergunta 6. A campanha militar russa ocorreu de forma articulada com o emprego de meios não militares, no ano de 2014, quando ocorreu o conflito russo-ucraniano para se atingir o estado final desejado da reanexação da Crimeia à Federação Russa, de acordo com a teoria AEA, de Visacro (2022). Para o Senhor, essa hipótese é verdadeira ou falsa?</p> <p>Resposta 6. A meu ver, essa afirmação é verdadeira. A campanha militar russa ocorreu de forma articulada, integrada e harmônica com os meios não militares.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor com a participação de Visacro (2022)

Quadro 2 – Transcrição da Entrevista com o Coronel Visacro (conclusão)

<p>Entrevistador: Tenente Coronel Tales Paiva Rodrigues Entrevistado: Alessandro Visacro Data: 22 de maio de 2022 Local: Aplicativo WhatsApp</p>
<p>Pergunta 7. Na sua análise, quais as ferramentas não militares que se destacaram como importantes e decisivas neste conflito?</p> <p>Resposta 7. Primeiramente, destaco as informacionais. Dentro das possibilidades que a guerra na era da informação oferece, desde a influencição até ataques cibernéticos, a Rússia utilizou isso de forma muito intensa. A segunda são as ferramentas jurídicas, porque os russos se valeram de um plebiscito na Crimeia cuja população é majoritariamente composta por russos étnicos para legitimar a anexação do território à Federação Russa. Na década de 90, foi utilizada essa mesma estratégia para a independência do Kosovo, por meio de um plebiscito invocando o princípio da autodeterminação dos povos. A terceira, as ferramentas militares e de proteção russa chamam a atenção, porque foi uma anexação com o emprego de tropas, ainda que esse emprego de tropas foi caracterizado por meios não convencionais, seja pelo patrocínio da sublevação na cidade de Donbass, seja pelo uso dos <i>little green men</i>, na Crimeia. E, por fim, destaco as ferramentas diplomáticas, no sentido da política diplomática, pois a Rússia, nesse período, tentou manter no governo de Kiev, um aliado de Moscou. E sofreu um revés em 2004 com a revolução laranja, e um novo revés em 2014 com o Euromaidan. Mas, no campo político diplomático, o grande esforço russo foi manter no governo de Kiev um aliado político de Moscou.</p>
<p>Pergunta 8. Desde já, agradeço a oportunidade que me foi dada. Para finalizar a presente entrevista, o Senhor gostaria de complementar com mais alguma informação?</p> <p>Resposta 8. Sim, eu gostaria. Outro fator importante a destacar é que a guerra na perspectiva russa, ela não começa em 2014, conforme eu disse no auditório para a turma. O russo entende a revolução laranja como uma subversão ocidental, então, ali, o conflito se iniciava para o russo. Em 2004, o conflito já estava em curso. Em 2014, eles vão aproveitar o Euromaidan, um agravamento do potencial de protesto do povo ucraniano, na perspectiva de ocidentalização, na visão do Kremlin. A partir daí, a Rússia vai agir de maneira mais assertiva patrocinando a sublevação em Dombass e anexando a Crimeia. Isto posto, o conflito que estamos presenciando hoje, em 2022, não começou em 2014, nem em 2022, teve seu início em 2004, com a revolução laranja.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor com a participação de Visacro (2022)